



CLAUDE-GILBERT DUBOIS, *RECITS ET MYTHES DE FONDATION DANS L'IMAGINAIRE CULTUREL OCCIDENTAL*, PESSAC, PRESSES UNIVERSITAIRES DE BORDEAUX (COLLECTION «IMAGINAIRES ET ECRITURES»), 2009, 385 PP.

180

O livro *Récits et mythes de fondation dans l'imaginaire culturel occidental*, de Claude-Gilbert Dubois inaugura a colecção «Imaginaires et écritures», que, nas palavras do seu director, Gérard Peylet, se propõe promover estudos sobre o imaginário. Esta colecção enquadra-se nas linhas de investigação do LAPRIL (Laboratoire Pluridisciplinaire de Recherches sur l'Imaginaire appliquées à la Littérature), de que o próprio Claude-Gilbert Dubois foi criador.

Duplamente fundador, quer pela sua iniciativa no LAPRIL, quer pela sua presença inicial na presente colecção, Claude-Gilbert Dubois brinda-nos com uma recolha precisamente sobre relatos e mitos de fundação. O presente volume apresenta-se como o prolongamento de uma obra anterior, do mesmo autor, *Mythologies de l'Occident*, e reúne onze estudos, em parte previamente publicados, mas agora reelaborados, e que se debruçam sobre diversas facetas do imaginário fundacional.

Importante será sublinhar o facto de no conjunto de artigos agora reunido não se entender a designação «relatos e mitos de fundação» no seu sentido mais restrito, onde predominam as vertentes etiológicas e identitárias. Pelo contrário, apresenta-se aqui um entendimento lato, onde encontramos os habituais relatos mitológicos, mas que se alarga até às imagens literárias. Encontramos ainda, logo nas páginas iniciais, o estabelecimento das bases teóricas que sustentam a abordagem que será desenvolvida nos artigos subsequentes:

«Le point de rencontre de ces textes est qu'ils convergent vers ce qu'on appelle généralement «la pensée mythique» ou une «mytho-logique». Nous donnons au mot «mythe» l'acception, différente de son sens commun, utilisée dans les recherches qui s'intéressent, avec l'objectivité et la rigueur qui sont le propre de la recherche scientifique, à ce genre de problèmes. C'est le sens que nous avons eu déjà l'occasion de présenter dans *l'Introduction aux méthodologies de l'imaginaire*. Il s'agit de textes qui comportent des variantes instructives, sont présentés sous forme narrative, divisibles en séquences déterminables de lecture, qui constituent la diégèse. Les faits narrés se répondent dans un réseau de symboles, d'archétypes et de schèmes, qui demande, pour être compris, une méthode d'interprétation ou exégèse. Celle-ci révèle des lignes de sens parallèles, sur champ sémantique diversifié, et convergeant vers un objectif commun, dans une partition quasiment orchestrale d'idées infuses sur les mots. La possibilité d'une pluralité de sens, avec pour chacun une cohérence de syntaxe dans les idées, est la caractéristique du discours mythique.» (p. 10)

O primeiro capítulo também assume uma função basilar uma vez que aí se procede, simultaneamente, à distinção das duas grandes linhas de mitos fundacionais ocidentais: a bíblica e a greco-latina; bem como à identificação das respectivas equivalências estruturais. Sem descurar as funções legitimadoras das narrativas produzidas, acentua-se aqui a identidade entre o início da história do povo hebreu com Abraão e a terra prometida e a missão de Eneias. Num segundo "acto", o encargo de Moisés no retorno a Israel é aproximado à empresa da fundação de Roma por Rómulo. A identificação destes paralelismos permite a proposta de um conjunto de invariantes que serão posteriormente retomadas em inúmeros relatos (caso da fundação de Atenas, dos mitos troianos de fundação desenvolvidos em França e Inglaterra e mesmo dos mitos de fundação dos Estados Unidos da América). A primeira invariante é a existência de um plano prévio



(independentemente de este ser traçado por Deus ou pelo destino); segue-se a escolha de um homem excepcional a quem é confiada a execução do desígnio, mas que soçobra no umbral da sua completa realização. Num terceiro momento, verifica-se a existência de um segundo homem, biologicamente ou dinasticamente ligado ao primeiro "pai fundador", que preside a uma deslocação para o Ocidente e à instalação num território específico sobre o qual se determina um direito de ocupação, cimentado pelo direito "do sangue", assente graças à eleição divina do herói. O quarto momento consiste na instituição de uma ordem política e social, também obra do segundo fundador. Estabelece-se deste modo uma formação identitária com base na lei dada e aceite, que se soma aos vectores do sangue e da terra, formando assim um sistema estável e coerente. Às primeiras quatro invariantes, inerentes às próprias construções ideológicas e textuais, Claude-Gilbert Dubois acrescenta mais duas, centradas já numa perspectiva mais afastada. A quinta invariante identificada consiste na constatação de que os dois fundadores se limitam a estabelecer as bases de uma história, história esta que pertencerá às gerações futuras. Finalmente, a sexta invariante sublinha o facto destas construções literárias terem sido elaboradas em época muito posterior ao momento dos factos que reportam, estando por conseguinte imbuídas de um contexto coevo, que pretendem legitimar.

Os três capítulos seguintes abordam algumas facetas da mitologia pagã, tendo sido reunidos sob o título genérico de «Mythologies fondatrices dans le paganisme antique». Um primeiro artigo estuda em paralelo as narrativas sobre Io e Europa e os relatos de fundação que lhes estão associados. O segundo aborda as diferentes faces da figura de Hércules, acentuando o seu papel de herói civilizador, que se prolonga também em contexto cristão. O terceiro estudo centra-se na fundação de um "além" na antiguidade greco-latina, como resposta ao desejo de conhecimento do desconhecido. A partir de alguns relatos de viagens ao mundo dos mortos, são identificados os princípios subjacentes às imagens do "além", seja como uma extensão do "mesmo" (identidade mimética ou simetria em espelho), seja como uma alteridade inefável e irrepresentável; bem como os tipos de viajantes que se aventuraram nestas paragens (aventureiros, como Teseu; libertadores, que vão resgatar alguém, como Orfeu; ou visitantes, como Eneias).

A segunda parte do livro, «Bases historiques et modélisations symboliques dans le christianisme» agrupa também três capítulos, o primeiro dos quais aborda precisamente a história e o mito subjacentes às origens do cristianismo, centrando-se particularmente nas duas grandes tendências opostas que se desenvolveram a seguir à morte de Jesus: uma corrente mais conservadora, sediada em Jerusalém e a via mais temerária dos "helenistas" de Antioquia. A esta fractura somam-se as influências de diversas correntes, como o gnosticismo, o maniqueísmo ou o priscilianismo, entre muitas outras. A síntese resultante organiza-se como ortodoxia doutrinal, opondo-se ao que passa a ser entendido como "heresia". Já o segundo estudo segue o percurso, o papel e as utilizações da figura de São Pedro, qualificado pelo autor como «très humain» (p. 164), no contexto da oposição entre as igrejas de Antioquia (que defendia uma organização mais federativa e colegial, dando uma autonomia relativa às diferentes igrejas) e a de Jerusalém (tendencialmente mais centralizadora), que acabará por cristalizar-se na primazia de Roma e do Papa como chefe único da Igreja. O último capítulo desta II Parte debruça-se sobre a figura do rei David, sublinhando o seu uso como modelo, desde o imaginário judaico, até às correntes protestantes do séc. XVI (prefiguração de Cristo, ideal de beleza masculina, pastor - guerreiro, músico e poeta...), sem descurar as suas múltiplas representações artísticas e usos políticos, recorrentes até à actualidade.



A terceira parte do livro *Récits et mythes de fondation dans l'imaginaire culturel occidental* incide sobre a matéria mais recorrente nestes domínios: a elaboração de mitologias identitárias dos povos. Dos dois capítulos aqui integrados, o primeiro reporta-se aos mitos de origem franceses (Gauleses, Pharamond, Mérovée, Clovis, Francus...) e às construções elaboradas, sublinhando as que se dedicaram a fazer convergir a linha bíblica com a troiana. O segundo artigo explora a recusa das origens latinas por parte de Florença, e os procedimentos realizados com vista à sua aproximação aos Etruscos, no quadro da política defendida pelos Médicis. Especial atenção é dada à argumentação que fazia remontar a língua toscana a línguas orientais (hebreu, caldeu e aramaico, esta última trazida por Noé) entre outras proezas etimológicas.

A quarta e última parte incide sobre os «Processus fondateurs d'«images» littéraires: des signes aux symboles» e concentra-se em duas imagens de particular expressão: a rosa e o sol / a luz. O capítulo sobre a rosa percorre o tema, desde a história da palavra, até às suas inúmeras utilizações estéticas e metafóricas (tanto de cariz poético, como religioso). O sol e a luz, por seu turno, são vistos sobretudo como imagens fundadoras de poder e de saber, usadas desde os tempos mais recuados (cf. os cultos solares egípcios ou astecas e incas) até à sua permanência, mesmo nos nocturnos românticos, passando pelo seu uso religioso nos halos dos santos, pela sua associação ao poder imperial, pela revolução de Copérnico, pelo seu uso poético e pictórico, pela sua valorização arquitectónica, pela sua apoteose com Louis XIV...

Estamos pois perante um livro fundamental para todos os que se interessam por questões relacionadas com o imaginário e suas estruturas. Os artigos reunidos provam que, no imenso domínio dos estudos sobre o imaginário, o terreno dos relatos e dos mitos de fundação, aqui entendidos em sentido lato, constitui um campo fértil e repleto de possibilidades. Na sequência da distinção que o autor estabelece entre arquétipos (elementos estimuladores dos sentimentos identitários) e estereótipos (que consistem na cristalização estéril dos arquétipos) (p. 217 e 229), podemos dizer que este livro desperta as consciências dos leitores para que procurem, a par das diferentes imagens que poderíamos ser tentados a classificar como estáveis ou sedimentadas, a história que as precedeu e as variações dinâmicas que poderão esconder.

Está assim de parabéns a Universidade de Bordéus, tanto pela iniciativa da criação desta colecção, bem como pela qualidade do seu primeiro livro.

Isabel de Barros Dias

Universidade Aberta/CEIL